

CONTRIBUIÇÕES DO DESIGN ESTRATÉGICO PARA OS LIVING LABS: O CASO DO TRANSLAB DE PORTO ALEGRE

Caio Marcelo Miolo de Oliveira

Universidade do Vale dos Sinos - UNISINOS
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil
caiomarcelo.mo@gmail.com

Luciane Schwalbe

Universidade do Vale dos Sinos - UNISINOS
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil
luciane.unisinos@gmail.com

RESUMO

Os Living Labs atuam como agentes da promoção da inovação social ao desenvolver atividades transformadoras motivadas pelo atendimento de demandas sociais. Desta forma, intervêm como articuladores capazes de criar e disseminar novos conhecimentos com implicações ambientais, culturais e econômicas, centradas no indivíduo e validadas no contexto social local. Sua intervenção envolve atores da sociedade civil que agem de forma autônoma ou interagem com o poder público, privado e acadêmico, na promoção de soluções inovadoras no âmbito social. Com o propósito de explorar a estrutura de um Living Lab, sua dinâmica e possibilidades de geração e disseminação de novos conhecimentos voltados à inovação social, investigou-se, o TRANSLAB, Living Lab localizado em Porto Alegre (RS). Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo relacionar o design estratégico na identificação de possíveis contribuições voltadas à abordagem projetual utilizada pelo Living Lab, objeto do estudo de caso. O design estratégico possui como premissas a atuação em ambientes coletivos no âmbito organizacional considerando os interesses, valores comuns e impactos socioculturais resultantes. Desta forma, através do estudo de caso, foi possível identificar e compreender os elementos que constituem o TRANSLAB, suas limitações e verificar oportunidades para a atuação do Design Estratégico ao orientar processos projetuais na busca pela inovação social.

PALAVRAS CHAVES: Living Labs, Inovação Social, Design Estratégico.

ABSTRACT

The Living Labs act as agents in the promotion of social innovation when developing transforming activities motivated by attendance of social demands. In this regard, the Living Labs operates as an articulator capable of creating and disseminating new knowledge with environmental, cultural and economic implications, which are focused on the individual and validated in the local social context. Its intervention involves civil society actors that act independently or interact with public, private and academic power by promoting innovative solutions in social scope. The TRANSLAB, Living Lab located in Porto Alegre (RS), was investigated in order to explore the structure of a Living Lab, its dynamic and possibilities for generating and disseminating new knowledge focused on social innovation. In this context, the present study aims to relate the strategic design in identifying possible contributions focused on architectural design approach used by the Living Lab that is the object of the case study. Strategic design has as premises the performance in collective environments in the organizational context considering interests, common values and socio-cultural impacts. So, through the case study, it was possible to identify and understand the elements that constitute the TRANSLAB, its limitations and verify opportunities for the performance of the Strategic Design in guiding projective processes in the search for social innovation.

KEYWORDS: Living Labs, Social Innovation, Strategic Design.

INTRODUÇÃO

No decorrer do século XX, cresceu na sociedade a percepção do surgimento de um novo mundo, “um mundo moldado pelas novas tecnologias, pelas novas estruturas sociais, por uma nova economia e uma nova cultura” (Capra [1], p. 141). Para o autor, a nova visão da realidade baseia-se na consciência do estado de inter-relação e interdependência essencial de todos os fenômenos — físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais (p. 259). Esta visão transcende as atuais fronteiras e destaca a inexistência de uma estrutura bem estabelecida, conceitual ou institucional, que acomode a formulação do novo paradigma. O que há, aponta Capra [1], são as linhas mestras dessa estrutura, sendo formuladas por muitos indivíduos, comunidades e organizações que desenvolvem novas formas de pensamentos, de acordo com novos princípios.

Surge uma nova forma de organização das atividades humanas no âmbito dos negócios, meios de comunicação, políticas, organizações não governamentais, a qual Castells [2] chama de sociedade em rede. Para o autor, “as redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades, e a difusão da lógica de redes modifica de maneira substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura” (p. 497).

Ao criar redes em nível comunitário, é possível promover a identidade, solidariedade e novas formas de cooperação e interação em conformidade com as particularidades da sociedade (Castells [2]). O autor destaca que novas formas de construção social são geradas fundamentalmente no que tange a socialização, pois os formatos de interação não se apresentam mais dispostos em tempo e espaço determinados. Desta forma, cresce o número de iniciativas das mais diversas naturezas com foco na inovação em seus variados âmbitos, considerando o relacionamento entre as pessoas e a constante troca de informações.

Neste contexto, surgem os Living Labs, baseados nos princípios de redes de colaboração (Veeckman et al. [3]) como um meio pelo qual iniciativas privadas, setor público, academia e cidadãos podem vir a trabalhar juntos na criação,

desenvolvimento, validação e testes de novos produtos, serviços e tecnologias voltados a novas soluções para necessidades do contexto social.

Edwards-Schachter, Matti e Alcántara [4], ao considerar o aspecto de desenvolvimento de atividades inovadoras motivadas ao atendimento de demandas sociais, destacam os Living Labs como articuladores voltados à inovação social, capazes de criar e disseminar novos conhecimentos com implicações igualmente ambientais, culturais e econômicas. Para os autores, o processo se dá através da interação entre diversos atores, transcendendo a esfera individual e aumentando substancialmente o impacto sobre a sociedade.

As redes, ao privilegiar o diálogo, trocas e colaborações, constituem e facilitam os ecossistemas de inovação (Jackson [5]). De acordo com a autora, o conceito de ecossistema de inovação origina-se de uma analogia com o ecossistema biológico observado na natureza. Neste sentido, a autora sugere que o ecossistema de inovação seja entendido como um modelo formado pela interação dinâmica entre atores cujo objetivo principal seja permitir o desenvolvimento da inovação. E é com base nestes conceitos que os Living Labs, ao envolver atores da sociedade civil unidos por um vínculo local, atuam de forma autônoma ou em interação com o poder público, privado e acadêmico, a fim de contribuir para a resolução de demandas sociais.

Nesse âmbito, ao considerar a necessidade da ativação das interações dinâmicas entre atores com o propósito de oportunizar a inovação social, manifesta-se os estudos e práticas provenientes do design estratégico. Através de suas competências em inter-relacionar diferentes atores, técnicas, tecnologias, conhecimentos e disciplinas, o design estratégico é capaz de desenvolver novas formas de concepções projetuais, que partem de um pensamento complexo, considerando os sistemas abertos, interdisciplinares e interdependentes (Zurlo [6]).

A partir dessa concepção, o designer estratégico atua no âmbito social, utilizando suas habilidades para imaginar e influenciar comportamentos, auxiliando a comunidade em que está atuando a conceber produtos, serviços,

ou uma combinação dessas possibilidades, na busca por novas soluções às necessidades deflagradas nesse contexto social (Chick [7]).

Deste modo, o presente artigo analisa o TRANSLAB, Living Lab localizado em Porto Alegre (RS), e busca explorar sua estrutura, dinâmica e finalidades, e identificar possibilidades de contribuição do processo projetual do design estratégico em sua ação social. Com o intuito de alcançar este objetivo, foram realizadas entrevistas em profundidade semi-estruturadas para a identificação e compreensão dos elementos que constituem o objeto de estudo, suas limitações e oportunidades.

Além desta introdução, o artigo está estruturado em outras cinco partes. A primeira e segunda seção referem-se à revisão da literatura onde o referencial teórico é construído a partir de conceitos relacionados aos Living Labs e ao Design Estratégico, ambos relacionados sob a ótica da Inovação Social. A seção seguinte explica a metodologia de pesquisa adotada, a condução da coleta e da análise de dados, além da descrição do objeto do estudo de caso. A quarta seção corresponde à descrição, análise e discussão dos sobre o TRANSLAB como objeto de pesquisa. A quinta parte descreve as oportunidades encontradas para a contribuição do Design Estratégico para o processo projetual do Living Lab investigado. Finalmente, são apresentadas as principais conclusões do estudo.

OS LIVING LABS

O conceito de Living Lab foi inicialmente desenvolvido pelo Prof. William Mitchell no MIT MediaLab (Massachusetts Institute of Technology) e School of Architecture (Leminen, Westerlund e Nyström [8]) na década de 1990. Inicialmente conhecido como “uma metodologia centrada no usuário para o estudo de casas do futuro inteligentes. Seu objetivo era compreender, prototipar, validar e refinar casas complexas” (Leminen, Westerlund e Nyström [8], p. 8, tradução nossa). Segundo os autores, Mitchell destaca quatro elementos-chave para os Living Labs: em primeiro lugar a centralidade no usuário em todas as fases do processo, em segundo constituir uma metodologia de investigação, em terceiro estar orientado a desenvolver novas

soluções e, finalmente, acontecer em contextos da vida cotidiana.

A partir das mais diversas utilizações, os Living Labs obtiveram diferentes definições, conceituando-se desde um ambiente (Ballon, Pierson e Delaere [9]), uma metodologia ou abordagem à inovação (Bergvall-Kareborn e Stahlbrost [10]), uma rede (Leminen, Westerlund e Nyström [8]) ou ainda um sistema (ENoLL [11]). O presente artigo utilizará a definição de Westerlund e Leminen [12], uma vez que esta engloba os múltiplos atores, o contexto da vida real e os vários estágios de desenvolvimento do processo. Sob esta ótica, Veeckman et al. [3], conceitua os Living Labs como “realidades físicas ou virtuais onde os atores são formados pelos setores públicos, privados e civis, agências públicas, universidades, institutos e usuários, todos colaborando para a criação, prototipação, validação e teste de novas tecnologias, serviços, produtos e sistemas em contextos da vida real” (p. 7, tradução nossa).

Desta forma, segundo os autores, os Living Labs são pequenas organizações que atuam na coordenação entre os atores e oferecem uma série de serviços e espaços para que estes possam colaborar e compartilhar seus trabalhos, conhecimentos e experiências na busca de novas formas de atuação, com ênfase no papel do cidadão e seu envolvimento no processo de inovação. De acordo com a ENoLL (European Network of Living Labs), mais influente rede de Living Labs no âmbito mundial com sede em Bruxelas, o número de Living Labs tem crescido consideravelmente a partir de 2005 (Veeckman et al. [3]).

A partir deste contexto, os Living Labs surgem como uma alternativa facilitadora da promoção de soluções no âmbito da inovação social, que pode ser entendida como “uma nova ideia voltada ao cumprimento de metas sociais” (Manzini [13], p. 57, tradução nossa). Manzini complementa o conceito ao definir a inovação social como “um processo de mudança que emerge da recombinação criativa de ativos [...] cujo objetivo é atingir metas sociais de maneira reconhecidamente nova” (p. 57, tradução nossa).

A inovação social refere-se principalmente a mudanças de comportamento de indivíduos ou

comunidades no de intuito solucionar problemas que os afetam, ou mesmo, para a geração de novas oportunidades (Manzini [14]). O valor criado deve trazer mais benefícios à comunidade como um todo, do que para indivíduos em particular (Freire [15], p.71). Inovação social envolve também fornecer ferramentas necessárias para empoderar a sociedade (Meroni e Sangiorgi [16]; Manzini e Staszowski [17]), de modo que esta consiga agir por conta própria para sanar problemas sociais ou gerar novas oportunidades.

Estas ações têm como resultado, as inovações sociais que acabam por reforçar a capacidade da sociedade em agir, incentivando a colaboração, bem como o interesse pela busca de soluções para os problemas sociais, desenvolvendo o capital social (Chick [7]), um dos quatro capitais tratados por Bourdieu [18]. Capital Social, segundo o autor, refere-se às relações do indivíduo com a família, amigos, comunidade, bem como laços formados em instituições e mesmo em redes sociais das pessoas envolvidas.

Ao considerar a capacidade de resolver problemas sociais e criar novas oportunidades de forma colaborativa para o empoderamento dos cidadãos, os Living Labs surgem como “uma nova forma de criação de competências” (Leminen, Westerlund e Nyström [8], p. 6, tradução nossa). Para Manzini [13], “em todos os processos de inovação social [...] diferentes atores participam em diferentes momentos e de diferentes maneiras em uma sequência de diversas e às vezes até mesmo contrastantes eventos” (p. 65, tradução nossa).

Os Living Labs, então, atuam no desenvolvimento de diferentes redes de atores e projetos em um processo de envolvimento de seus membros na elaboração, experimentação na vida real e no acesso ao conhecimento voltado à promoção de mudanças sociais locais e inovações emergentes.

Neste contexto, a fim de contribuir para com o processo projetual e difusão das inovações sociais desenvolvidas pelo Living Lab, o design estratégico mostra-se como uma alternativa metodológica para o desenvolvimento projetual e demandas explicitadas. Ao relacionar diferentes disciplinas e técnicas, de modo a conceber, junto

à comunidade, produtos, serviços ou produtos-serviços (Chick [7]), o design estratégico consegue lidar com a complexidade deflagrada nos problemas sociais, gerando efeitos de sentido e tornando tangíveis as estratégias criadas (ZURLO [6]).

O DESIGN ESTRATÉGICO

O design estratégico apresenta-se como um sistema aberto que permite e propõe pontos de vista diversos, modelos interpretativos articulados e variadas perspectivas disciplinares, confrontando-se com as complexidades da sociedade, sejam elas de ordem técnica, processual ou organizacional (Zurlo [6]). Ao atuar em ambientes complexos, o autor evidencia a necessidade do designer desenvolver um “pensamento complexo”. Teórico desta área, Morin [19] afirma que o pensamento complexo é contrário ao pensamento simplificador, que possui uma visão mais reduzida do cenário presente, sendo incapaz de conceber a conjunção do uno e do múltiplo. “Ou ele unifica abstratamente ao anular a diversidade, ou, ao contrário, justapõe a diversidade sem conceber a unidade” (Morin [19]).

O pensamento complexo, na esfera do design, é uma estratégia para atuar em ambientes contemporâneos complexos, que não analisa tudo como deve ser, conforme planejado, mas sim analisa os vários fatores relacionados, para posteriormente hierarquizar o que é importante ao projeto (Morin [19]).

Neste sentido, ao explorar o pensamento complexo, o design estratégico consegue aceitar e interpretar a complexidade, capturando dela, estruturas de sentido, a fim de encontrar caminhos resolutivos, tornando-os visíveis aos atores envolvidos (Zurlo [6]). Ao utilizar esta perspectiva, design estratégico torna-se capaz de resolver problemas complexos ou criar novos sentidos através de um processo projetual crítico e criativo. Deste modo, o design estratégico busca a compreensão profunda sobre o contexto, contemplando o todo para interpretar informações e assim identificar estruturas de sentido, compreendendo as razões que geram os problemas, que talvez muitas vezes não estão claramente visíveis.

Ao buscar as reais questões a serem solucionadas, o design estratégico passa a questionar os fatores pré-estabelecidos, atuando de modo crítico em relação aos problemas com o propósito de analisar e compreender as razões que o geraram (Zurlo [6]). Segundo o autor, esta atividade, conhecida como contrabriefing, assim como todo processo de design estratégico, não é linear e pode ser aplicada em qualquer momento da projeção.

A partir da identificação e reflexão sobre os problemas, o design estratégico incentiva a participação dos atores envolvidos, de modo que atuem ativa e criativamente no projeto, para gerar inovações que considerem os interesses e valores coletivos.

Observar contextos, antecipar mudanças e visualizar cenários são perspectivas do exercício do design estratégico. Ao trazer seu ponto de vista profissional e experiência para transformar o melhor do presente em “mudança de paradigma para o futuro” (Meroni [16], p.30), o designer utiliza de suas habilidades para imaginar e influenciar comportamentos. Meroni [20] sugere que a forma como um designer estratégico transforma visões em uma hipótese plausível é através da construção de cenários. Segundo Reyes [21], envolver cenários na concepção projetual é “projetar futuros imaginários expressos através de histórias plausíveis nas quais se narram sequências futuras de ações e de suas consequências”.

O design estratégico utiliza a construção de cenários como forma de antever o futuro que está por vir e os fatores que podem influenciá-los. “A construção de cenários cria um contexto no qual se imagina usuários lidando com produtos e serviços potenciais e experimentando-os para fazer emergir novas ideias” (Zurlo [6]). Corroborando, para Morelli [22], os cenários criados devem ser pertinentes, baseados na realidade sistêmica, visando contribuir socialmente e considerar os agentes envolvidos, o fluxo de eventos e as consequências de cada cenário criado.

Deste modo, as ações provenientes do design estratégico são orientadas para o desenvolvimento de soluções que considerem os interesses, valores coletivos e a interação com o

meio-ambiente, seus atores, bem como, as limitações e as oportunidades (Celaschi e Deserti [23], Meroni [24]; Zurlo [6]; Franzato [25]). Assim, o design estratégico constitui-se de um processo dialógico entre vários atores, o que requer envolvimento sistemático das partes interessadas, de modo que uma gama de disciplinas possa interferir e colaborar (Zurlo [6]).

Celaschi [23], que da mesma forma trabalha o design sob a perspectiva estratégica, ratifica que para gerar inovação, ou mesmo, aperfeiçoar determinadas questões, o design atua de forma interdisciplinar entre o cruzamento de diferentes áreas do conhecimento, estabelecendo estratégias para dar forma, função, sentido e valor a suas ações projetuais, conforme Figura 1, a seguir.



FIGURA 1 - Papel interdisciplinar do Design.
Fonte: Celaschi e Deserti ([23], p. 24).

Através da Figura 1 é possível perceber que o olhar do design estratégico refere-se à percepção de como retirar proveito destas relações ativadas (Meroni [24]) para a modificação da realidade ao operar em um ambiente tanto interno, quanto externo, de forma a cercar o problema e oferecer possibilidades de resolução a partir do todo (Zurlo [6]). As habilidades do designer também são voltadas a esta proposta, pois referem-se à capacidade de relacionar diferentes disciplinas e técnicas, de modo a auxiliar a comunidade a conceber produtos, serviços, ou uma combinação dessas possibilidades (Chick [7]).

Através de suas competências em inter-relacionar diferentes atores, técnicas, tecnologias, conhecimentos e disciplinas, o

design estratégico é capaz de desenvolver novas formas de concepções projetuais. A partir destes conceitos, o designer estratégico atua no âmbito social, utilizando suas habilidades para imaginar e influenciar comportamentos, auxiliando a comunidade em que está atuando a conceber produtos, serviços, ou uma combinação dessas possibilidades, na busca por novas soluções às necessidades deflagradas nesse contexto social (Chick [7]).

Devido às características do design estratégico em propor diálogos entre vários atores para usufruir das relações ativadas e assim desenvolver inovações que considerem os interesses, os valores coletivos, o impacto sociocultural resultantes, Meroni [24] afirma que o design estratégico está vinculado à inovação social. Neste ambiente, ao envolver as pessoas no processo projetual fornecendo ferramentas para que os indivíduos participem ativamente, o design estratégico acaba por empoderar estas pessoas, contribuindo para a convergência aos conceitos de inovação social exploradas no presente artigo. Na tabela a seguir demonstra-se a compreensão sobre a relação de design estratégico e inovação social com base nos autores referenciados.

INOVAÇÃO SOCIAL	DESIGN ESTRATÉGICO
Visa a solução de problemas sociais.	Visa resolver problemas complexos ou gerar efeitos de sentido, de modo que as soluções propostas considerem os interesses, os valores coletivos, o impacto sociocultural resultantes.
Visa fornecer ferramentas para empoderar cidadãos a participarem coletivamente.	Constitui um processo dialógico entre vários atores, de modo que uma gama de disciplinas possa interferir e colaborar.
Valor criado deve trazer benefícios à sociedade como um todo.	Desenvolvimento de soluções que considerem os interesses, valores coletivos e a interação com o meio-ambiente, seus atores, as limitações e as oportunidades.
Obtém desenvolvimento de capital social e reforço	É um processo dialógico, que incentiva a

das capacidades da sociedade.	participação dos atores envolvidos, de modo que atuem ativamente e criativamente do projeto.
-------------------------------	--

TABELA 1: Relação entre inovação social e design.

Fonte: Elaborado pelos autores com base em Morelli [22], Jégou e Manzini [26], Celaschi e Deserti [23], Manzini [14], Meroni [16] [24], Zurlo [6], Franzato [25], Meroni e Sangiorgi [16], Chick [7] e Manzini e Staszowski [17].

A partir dos conceitos sintetizados na Tabela 1, percebe-se certa coerência e complementaridade entre os atributos tratados sobre inovação social e o design estratégico. Primeiramente, tem-se a inovação social que, para nascer, parte de problemas sociais, que necessitam serem resolvidos a partir da mudança de comportamento dos próprios cidadãos. Estes cidadãos, por sua vez, devem estar aptos e estimulados a participar criativamente de todo o processo concepção.

Em síntese, o design estratégico, ao contemplar em seu processo a colaboração dos membros da comunidade no projeto, incentivando-os a participar criativamente, efetivando diálogos estratégicos, acaba por empoderá-los a também responsabilizarem-se pela resolução projetual. Estas ações repercutem diretamente no desenvolvimento e difusão de relacionamentos sociais entre os cidadãos envolvidos. Tais valores salientados do processo de design estratégico convergem com os princípios da inovação social.

METODOLOGIA

A presente investigação caracteriza-se como um estudo exploratório no intuito de familiarizar-se com o fenômeno que está sendo investigado, de modo que o estudo de caso subsequente possa ser concebido com uma maior compreensão e precisão (Gil [27]). Optou-se pelo Estudo de Caso como forma de investigação ao considerar uma ampla gama de variáveis ambientais inter-relacionados com adequado nível de profundidade e de detalhe (Yin [28]).

A coleta de dados foi realizada através de uma revisão da literatura para a construção do

referencial teórico, incluindo os conceitos relacionados à Inovação Social, Design Estratégico e Living Labs. Neste sentido, foram realizadas entrevistas em profundidade com os responsáveis por cada um dos cinco núcleos de atuação administrativa e projetuais que compõem o TRANSLAB com questionamentos voltados a sua estrutura, dinâmica e processo organizacional. Além destes informantes, realizou-se também uma entrevista em profundidade com um dos fundadores do Lab, de forma a conhecer suas motivações originais e expectativas futuras quanto ao Living Lab concebido.

As entrevistas foram devidamente gravadas em áudio e vídeo para a adequada análise de dados posterior. As entrevistas foram conduzidas através de um roteiro semi-estruturado que, de maneira geral, mantiveram o objetivo de identificar e compreender os elementos que constituem o objeto de estudo em um Living Lab, sua natureza, atores envolvidos, organização, bem como processos e interações com a sociedade.

A unidade de análise contempla alguns dos colaboradores do TRANSLAB, Living Lab em processo de certificação como uma sub-rede da ENoLL, que atua na cidade de Porto Alegre (RS). As evidências levantadas nas entrevistas e, adicionalmente na análise dos dados secundários disponíveis em seu website oficial, foram interpretadas qualitativamente utilizando como base o referencial teórico realizado anteriormente, com o olhar voltado à identificação de possibilidades de contribuição do Design Estratégico quanto ao objeto de estudo.

Descrição do caso

O TRANSLAB é um Living Lab que busca contribuir na geração de inovação social na comunidade local de Porto Alegre (RS). Constitui-se de uma organização que busca coordenar e facilitar as atividades de inovação embasada nas demandas e iniciativas dos usuários, neste contexto denominados cidadãos.

O "Laboratório Cidadão", como se apresenta a organização, tem origens em atividades profissionais anteriores dos fundadores e atuais gestores do Lab, em uma jornada entre trabalhos empresariais, autônomos e voluntariados, que

promoveram a conexão entre estes e os demais atores da rede que viriam, posteriormente, a formar o TRANSLAB.

O ano de 2013 foi determinante para a organização a partir do convite da ENoLL (European Network of Living Labs) para fazer parte de sua rede de Living Labs e pela aprovação no Edital de Redes Colaborativas do Fundo de Apoio à Cultura (FAC), promovido pela Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul, pois veio a sustentar a viabilidade econômica do Lab. Em consequência, a organização está em processo de credenciamento pela ENoLL, o que resultará em acesso e troca de conhecimentos e experiências com Living Labs mundiais. No intuito de facilitar as parcerias e convênios com todos os níveis de governo e órgãos públicos (federal, estadual e municipal), o Lab está estabelecendo-se também como OSCIP - Organização da Sociedade Civil de Interesse Público.

A estrutura atual conta com dezessete integrantes ligados ao TRANSLAB de forma direta e permanente, formando uma equipe multidisciplinar distribuída em cinco diferentes Núcleos de atuação, e que se completam com os demais colaboradores específicos relacionados circunstancialmente com os projetos desenvolvidos.

Os Núcleos têm por objetivo realizar a gestão operacional e institucional do espaço e são caracterizados por (1) Relações Institucionais que prospectam novas demandas na sociedade, formam alianças estratégicas e delineiam os caminhos a serem seguidos pela organização, (2) Curadoria que organiza as atividades e preserva os princípios institucionais, (3) Difusão ao comunicar as atividades de forma transparente, convidativa e multiplicadora, (4) Infraestrutura que preza pelas normas, espaços e equipamentos, e, finalmente, (5) Administrativo/Financeiro que responde pela saúde e sustentabilidade do TRANSLAB.

A sede do TRANSLAB conta com quatro empresas residentes que compõem o espaço e fazem parte, eventualmente, dos projetos realizados pelo Living Lab de acordo com suas áreas de interesse e atuação. Estas empresas são oportunas de forma estratégica ao agregar valor e ampliar os trabalhos através da atração de

novas demandas projetuais, além de custear a infraestrutura fixa básica do espaço. A estrutura física auxilia na composição da marca TRANSLAB além de acomodar os participantes e visitantes de forma convidativa a conhecer o trabalho realizado, mesmo que alguns deles sejam executados em ambientes externos devido a necessidades específicas.

Seu funcionamento está diretamente relacionado à experimentação e co-criação entre os atores na busca por novas soluções para produtos, serviços e modelos de negócios voltados à inovação social, especialmente no que diz respeito à cidade de Porto Alegre. Assim, o Lab “visa tornar a cidade um espaço mais saudável, seguro e criativo para aqueles que nela vivem” (TRANSLAB Website) como um espaço para novas possibilidades de relacionamento entre o cidadão e a cidade, ao perceber suas necessidades e potenciais. A sua atuação é orientada por “três grandes princípios básicos: cruzamento de conhecimentos (conectar arte, ciência, tecnologia para aprender fazendo); capacidade multiplicadora (inclusão social e código aberto); autogestão (empoderamento e liderança compartilhada)” (TRANSLAB Website).

Neste contexto, o Living Lab está organizado por uma rede de projetos que nascem de iniciativas da sociedade civil, governo, iniciativa privada e universidades, a partir de demandas sociais. A rede atua através dos colaboradores (remunerados ou em regime voluntariado) na criação, utilização e disseminação de novos conhecimentos que transcendem a esfera individual e passa a ocorrer através da contínua interação entre os atores envolvidos em cada projeto. Para tanto, são “sugeridos alguns formatos para acolher as propostas: encontros-conversa, oficinas/vivências, percursos, linhas de trabalho. Funcionam independentes e conectados, podendo nutrir um ao outro, ou agir autonomamente” (TRANSLAB Website).

As linhas de trabalho e os percursos possuem um importante papel para a organização ao prospectar novas demandas sociais locais. As linhas de trabalho são entendidas como “um dispositivo para o trabalho colaborativo em função de uma necessidade-desejo que tem a intenção de ser aplicada como uma iniciativa,

serviço, ou produto” (Website TRANSLAB). Como unidade produtiva de conhecimento, tem a função de compartilhar seus resultados e buscar possibilidades de implementação como empreendimento social. Temas como mobilidade acessível, design para inclusão e cidades em rede são as linhas de pesquisa atual.

Já os percursos constituem-se em um processo de imersão teórico-prático com temáticas variadas divididos em encontros sistemáticos. Cada percurso tem seu foco específico com a proposta de desenvolver, experimentar, planejar e prototipar ideias. O objetivo é fomentar junto com aos participantes a criação de projetos através de uma abordagem prática e vivencial para construção de novos projetos e ações que tenham potencial de se transformarem em negócios sociais. O percurso denominado Visionários da Cidade tem se mostrado como o maior provedor de novos projetos para o TRANSLAB ao promover processos de descoberta da cidade e possíveis intervenções que impactem positivamente a sociedade, solucionar problemas ou abrir novas oportunidades.

Os projetos norteiam as atividades do Lab, que atua na reunião de pessoas das mais diversas áreas de forma a capacitar os cidadãos e demais atores envolvidos a participar da tomada de decisão ao articular e estimular o diálogo e cooperação entre estes múltiplos atores em um processo coletivo, participativo e compartilhado de concepção e inovação. Desta forma, o TRANSLAB busca proporcionar um sistema de mudanças sociais como um esforço colaborativo composto de canais de energia humana, democrática e criativa.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DO CASO

Com base nas evidências levantadas nas entrevistas e na análise dos dados secundários, o resultado do estudo de caso demonstra que o TRANSLAB, ao apresentar-se como um Living Lab, mostra-se como um catalisador e articulador da inovação social ao desenvolver atividades e soluções inovadoras motivadas por necessidades sociais.

A comunidade de participantes do TRANSLAB é intencionalmente construída através do

encontro informal entre pessoas que possuem afinidades individuais e com o objeto de estudo do projeto em questão. É possível perceber o forte investimento de tempo e energia no aprofundamento das relações entre os membros dos núcleos. Esta é uma atividade significativa ao grupo por torná-lo mais forte, alinhado e assim tornar-se um meio de atração positivo para outros.

A rede de atores é concebida pelo Lab através da identificação de pessoas de acordo com suas experiências, conhecimentos, preferências, habilidades e competências individuais. Cada indivíduo, ao estabelecer uma conexão, amplia os limites da rede. Durante o percurso, deve-se reconhecer a singularidade dos atores e, na pluralidade de sujeitos, conhecer o potencial da cadeia.

Ao fortalecer o tecido de atores envolvidos, o Lab é capaz de favorecer a sua continuidade. Portanto, estão em constante busca de novos modelos de negócios, não somente para a captação de novas fontes de sustentabilidade financeira, através de fontes de financiamento e receita híbridas, mas no desenho de estratégias que possibilitam o prosseguimento das atividades de forma fluida e contínua. Neste contexto, a experimentação figura como fator importante no DNA do Lab, seja na proposição de novas soluções para questões sociais através de seus projetos, seja em sua própria estrutura.

Neste sentido, os Núcleos que suportam atualmente o Living Lab, assumem uma posição de intermediários e organizadores entre os diversos atores. Desta forma, o Lab cria constantemente oportunidades para compor o sistema de rede de projetos de forma visível para todos, além de auxiliá-lo da melhor forma. Ações como a reestruturação gerencial através de Núcleos, estratégias de compartilhamento das atividades e conhecimentos, e a busca por novas fontes de recursos, sugerem a preocupação dos Núcleos com a consolidação de uma estrutura cada vez mais descentralizada, sustentável e auto-gerenciável.

No intuito de manter a multiplicidade dos projetos, aspectos visuais e funcionais são considerados para um maior entrosamento entre as pessoas e projetos que o compõem, buscando

a colaboração e a flexibilidade através de espaços abertos que são constantemente repensados ecossistemicamente.

Os projetos, além de nortear as atividades do TRANSLAB, são entendidos como oportunidades em um espaço de problema, que pode ser definido de diversas formas, com diferentes níveis de impacto social, buscando novas formas de propagar, replicar e difundir o conhecimento gerado.

A fim de evitar dificuldades de interpretação e proporcionar o maior comprometimento dentre os atores, os objetivos e resultados a serem alcançados, prazos e necessidades e expectativas dos participantes do projeto, são discutidos desde o início do projeto. Entretanto, não contam com um método perceptível de compartilhamento e acompanhamento das atividades para fins de aprimoramento. Tampouco o processo de percepção de descobertas e novas teorias, assim como metodologias e métricas, utilizadas no desenvolvimento dos projetos são propriamente analisados. Desta forma, a gestão do conhecimento, necessária para o compartilhamento de conhecimentos internos e externos, mostram-se ainda esquecidos pelo Lab, o que atinge um dos princípios do próprio TRANSLAB ao restringir o "cruzamento do conhecimento" ao aspecto interpessoal.

Em suma, é possível perceber que o TRANSLAB utiliza em sua constituição atual diversos instrumentos fomentadores da produção do conhecimento e buscam experimentar novas formas de atuação social, que culminam na aprendizagem através das próprias experiências. Assim, como um ecossistema de inovação social, o Lab sofre adaptações ao longo do percurso baseados na percepção de uma mudança permanente, que pode ser aprendida somente de forma contínua, procedendo conforme sua marcha.

Oportunidades para o design estratégico

A análise do caso possibilita perceber que o TRANSLAB possui um processo projetual desenvolvido, aplicado e validado diretamente na comunidade local, uma premissa dos Living Labs. Como comunidade, desenvolve seu próprio entendimento sobre si e suas práticas, de forma

natural e fluida, proporcionando assim o aprendizado e conhecimento necessário para a elaboração do projeto.

A elaboração, introdução e avaliação dos métodos, instrumentos e orientações utilizados durante a ação projetual do Lab são encaminhadas para além da exploração e solução do problema. O design estratégico atua na mesma linha e ao constituir-se de um processo projetual que atua em ambientes organizacionais, busca resolver problemas complexos ou gerar efeitos de sentido, resultando em produtos-serviços, que tornam visíveis as estratégias criadas (Zurlo [6]).

Ao analisar o contexto organizacional do TRANSLAB, é possível perceber uma oportunidade de contribuição do design estratégico na proposição de uma lógica do fazer, aplicando um olhar do todo e conduzindo o processo (design driven) até as etapas mais tangíveis da execução dos projetos (Zurlo, [6]).

O design estratégico se propõe a oferecer transformações necessárias a partir da interpretação da complexidade da realidade com base em sua capacidade de ver (interpretar o contexto), prever (desenvolver cenários) e fazer ver (tornar o conceito concreto) (Zurlo [6]). Sob esta ótica, a habilidade de prever se relaciona com a interpretação dos contextos e a antecipação de cenários futuros.

A construção de cenários, na perspectiva do design estratégico, objetiva inicialmente contrapor os diferentes caminhos do projeto, e, posteriormente, orquestrar os fluxos de conhecimento na rede de projetos. Ou seja, os cenários caracterizam o desenvolvimento de uma proposta com base em alternativas que são organizadas para dar apoio à discussão e decisão do melhor caminho projetual a ser seguido.

Os cenários oportunizam a antecipação de riscos inerentes ao projeto ao avaliar os impactos das ações futuras, sintetizando o projeto e os valores intangíveis que dele resultam (Cautela [29]). Desse modo, pode-se afirmar que os cenários são instrumentos que dão suporte para a tomada de decisões em ambientes com grandes incertezas (Manzini e Jégou [30]), característicos dos contextos sociais.

Além disso, os cenários possuem ainda a capacidade de facilitar o entendimento e o compartilhamento de conhecimentos, pois, segundo o autor, estes prefiguram um mundo de referências possíveis em termos de contexto, de significados e de efeitos de sentido. Desta forma, a projeção de cenários pode auxiliar na agilidade necessária à compreensão das intenções projetuais do TRANSLAB.

Ao considerar a construção de cenários em sua prática projetual, o design estratégico sugere em suas premissas a revisita ao problema de forma contínua, durante todo o processo de projeto, ou seja, a utilização da perspectiva do contrabriefing. Para Meroni [24], a estratégia do design estratégico está impreterivelmente relacionada ao problematizar e concomitantemente questionar seu percurso.

O contrabriefing proporciona um espaço reflexivo para a discussão do briefing e sua confrontação os resultados do projeto até o momento. No caso do TRANSLAB, estes resultados seriam analisados e reinterpretados, revisitados e repensados continuamente pela comunidade através da rede do projeto. A consequência deste percurso é a construção de novos cenários de atuação e a identificação de novas trajetórias de inovação (Manzini e Jégou [30]; Cautela [29], p. 115-121).

O uso dos cenários e do contrabriefing auxiliam a organização na visualização do futuro de forma desafiadora e criativa, promovendo uma mudança no modelo mental dos envolvidos, ampliando a capacidade de percepção necessária para reconhecer os eventos inesperados e tomar atitudes proativas.

A participação dos indivíduos é indispensável para a realização de cenários sustentáveis, que passam a influenciar o discurso do Living Lab sobre o futuro da comunidade local através de questionamentos sobre o propósito, os contextos, os atores envolvidos e as relações de poder entre esses atores. Esses caminhos podem ser considerados diferentes olhares estratégicos que podem influenciar, de forma positiva, o projeto em si e o próprio futuro da Living Lab.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação realizada através do estudo de caso embasado no TRANSLAB retrata a capacidade de um Living Lab de favorecer a reunião e interação de recursos e competências complementares entre diferentes atores de forma a conceber uma maior quantidade de conhecimento voltado à inovação social. Por meio da colaboração e dos projetos em rede, desenvolve processos criativos e colaborativos no sentido da elaboração, distribuição e intervenções voltadas às mudanças sociais locais.

Neste contexto, o projeto pode ser considerado um elemento constituidor de abertura ao possível ao propor possibilidades como eventos abertos a uma nova ordem de conexões entre os atores. Deste modo, cada indivíduo tem a oportunidade de presenciar, experimentar e avaliar novas formas de elaborar soluções viáveis, de novas oportunidades.

Ao relacionar os conceitos e atividades desenvolvidas pelos Living Labs com os princípios apresentados sobre o design estratégico e a inovação social, é possível verificar uma convergência conceitual e empírica. A partir desta consonância, foi possível identificar as possibilidades de contribuição do design estratégico para com os processos projetuais do TRANSLAB.

O design estratégico apresenta premissas possivelmente relevantes ao Lab ao buscar as reais questões a serem solucionadas, envolvendo os membros da comunidade no processo de elaboração de cenários solutivos, promovendo o senso crítico em relação ao projeto.

Através da perspectiva de interpretação contínua da ação, o Living Lab torna-se apto a operar em contextos que sofrem mudanças frequentes e imprevisíveis, o que possibilita o reposicionamento do problema mesmo durante seu processo de implementação. Aliada ao contrabriefing, a construção de cenários busca, neste sentido, obter a visão do todo, através de alternativas que apresentem as melhores condições para a tomada de decisão quanto ao projeto em andamento.

A construção de cenários e o contrabriefing, a partir da proposta apresentada, trabalham na promoção de diálogos estratégicos entre os

indivíduos, pois permitem desenvolver uma visão compartilhada e motivada, comum aos atores envolvidos. Assim, ao promoverem uma série de atividades e espaços para colaboração e compartilhamento de conhecimentos, valorizando o papel do cidadão, empoderando-o a participar do processo de inovação, os Living Labs acabam por ratificar os princípios referenciados sobre inovação social.

Como ampliação da investigação do presente artigo, sugere-se a averiguação de uma maior quantidade de Living Labs a fim de obter evidências do mesmo fenômeno a partir de diferentes fontes. Caso seja pertinente, sugere-se ainda realizar a aplicação e validação das possíveis contribuições do design estratégico conforme apontadas neste artigo, a fim de avaliar o efetivo impacto organizacional e social promovidos pelas inovações propostas à comunidade local.

REFERÊNCIAS

- [1] Capra, F, 2002, As conexões ocultas – ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix.
- [2] Castells, M, 2009, A sociedade em rede. 2º vol. 12ª ed. São Paulo: Paz e Terra.
- [3] Veeckman, Carina; Schuurman, Dimitri; Leminen, Seppo; Westerlund, Mika, 2013, Linking Living Lab Characteristics and Their Outcomes: Towards a Conceptual Framework. Technology Innovation Management Review. December, p. 6–15.
- [4] Edwards-Schachter, M. E.; Matti, C. E.; Alcántara, E, 2012, Fostering Quality of Life through Social Innovation: A Living Lab Methodology Study Case. Special Issue: Innovation, Innovation Policy, and Social Inclusion in Developing Countries. Volume 29, Issue 6, pages 672–692, November. Disponível em: <<http://digital.csic.es/bitstream/10261/108408/1/life%20through%20social%20innovation.pdf>>. Acesso em 07 jan. 2015.
- [5] Jackson, Deborah J, 2013, What is an Innovation Ecosystem? National Science Foundation: Arlington, VA. Disponível em: <<http://erc-assoc.org/sites/default/files/download->

files/DJackson_Innovation-Ecosystem-2013.pdf>. Acesso em 07 jan. 2015.

[6] Zurlo, Francesco, 2010, Design Strategico. In: XXI Secolo, vol. IV, Gli spazi e le arti. Roma: Enciclopedia Treccani.

[7] Chick, Anne, 2015, Design for social innovation: Emerging principles and approaches. Disponível em: < <http://iridescent.icograda.org> >. Acesso em: 20 jan. 2014.

[8] Leminen, S.; Westerlund, M.; Nyström, A. Living Labs as Open-Innovation Networks, 2014, Technology Innovation Management Review (September), p. 6-11, Disponível em: <<http://timreview.ca/article/602>>. Acesso em 22 dez. 2014.

[9] Ballon, P., Pierson, J; Delaere, S, 2005, Test and experimentation platforms for broadband innovation: examining european practice. Conference Proceedings of 16th European Regional Conference by the International Telecommunications Society (ITS), Porto, Portugal, 4-6 September. Disponível em: <http://userpage.fu-berlin.de/~jmueller/its/conf/porto05/papers/Ballon_Pierson_Delaere.pdf>. Acesso em 22 dez. 2014.

[10] Bergvall-Kareborn, Brigida; Stahlbrost, Anna, 2014, Living Lab: an open and citizen-centric approach for innovation. International Journal of Innovation and Regional Development, 356-370. Disponível em: <https://pure.ltu.se/portal/files/42742740/Living_Lab_An_Open_and_CitizenCentric_Approach_for_Innovation_preprint.pdf>. Acesso em 22 dez. 2014.

[11] ENoLL. Recommendations on networked systems for open user-driven research, development and innovation, 2007, Living Labs Roadmap 2007-2010. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/38953413/Living-Labs-Roadmap-2007-2010>>. Acesso em: 22 dez. 2014.

[12] Westerlund, Mika; Leminen, Seppo, 2011, Managing the Challenges of Becoming an Open Innovation Company: Experiences from Living Labs. October. Disponível em: <<http://timreview.ca/article/489>>. Acesso em 07 jan. 2015.

[13] Manzini, Ezio, 2014, Making Things Happen: Social Innovation and Design. Design Issues 2014 30:1, 57-66. Disponível em: <http://www.mitpressjournals.org/doi/abs/10.1162/DESI_a_00248?journalCode=desi#.VLv3ekfF-Qk>. Acesso em: 22 dez. 2014.

[14] Manzini, Ezio, 2008, Design para inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro: E-Papers.

[15] Freire, Karine de Mello, 2011, Design de Serviços, Comunicação e Inovação Social: um estudo sobre serviços de atenção primária à saúde. Dissertação de Mestrado –Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

[16] Meroni, A.; Sangiorgi, D, 2011, Design for Services. From Service Design to Designing for Services as a 'mean' for society transformation. Gower Publishing.

[17] Manzini, E; Staszowski, E, 2013, DESIS Network, Public and Collaborative: Exploring the intersection of design, social innovation and public polity. The New School.

[18] Bourdieu, Pierre, 1987, Choses dites. Paris: Minuit.

[19] Morin, Edgar, 2006, Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Sulina.

[20] Meroni, Anna, 2008, Strategic design: where are we now? Reflection around the foundations of a recent discipline. Strategic Design Research Journal, v.1, n.1, Dec 1, p.31-38.

[21] Reyes, P, 2011, Processo de Projeto em Design: uma proposição crítica. In: Metodologias em Design: Interseções. Bauru: UNESP.

[22] Morelli, Nicola, 2002, Designing Product/Service Systems: A Methodological Exploration. In: Design Issues, v.18, n.3, p.3-17. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1512062>>. Acesso em 11 out. 2014.

[23] Celaschi, F, 2007, Dentro al progetto: appunti di merceologia contemporanea. in: Celaschi, F.; Deserti A. Design e innovazione: strumenti e pratiche per la ricerca applicata. Roma: Carocci.

[24] Meroni, Anna, 2008, Strategic Design to take care of the territory. Networking Creative Communities to link people and places in a

scenario of sustainable development. In: P&D Design 2008, 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. São Paulo.

[25] Franzato, Carlo, 2011, O processo de inovação dirigida pelo design: um modelo teórico. REDIGE, Rio de Janeiro, v.2, n.2, Abril. Disponível em: <<http://www.cetiqt.senai.br/ead/redige>>. Acesso em 19 set. 2014.

[26] Jégou, F; Manzini, E., 2006, Collaborative services: social innovation and design for sustainability. Milano: Edizioni Poli.design.

[27] Gil, Antonio Carlos, 1999, Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas.

[28] Yin, Robert K, 2001, Estudo de caso – planejamento e métodos. (2Ed.). Porto Alegre: Bookman.

[29] Cautela, Cabirio, 2007, Strumenti di design management. Milao: FrancoAngeli.

[30] Manzini, E.; Jégou, F, 2004, Design degli scenari. In: MANZINI, E.; BERTOLA, P. DesignMultiverso. Milano: Edizioni POLI.design.